

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra
de Magos

**A actividade
metalúrgica e a olaria
de Sines romana**

**A emergência de uma
Arqueologia Contemporânea
em Portugal**

**Artes do couro no
medievo peninsular**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Caldeira e ciclones para produzir ar aquecido, depois conduzido aos secadores da Fábrica de Descasque de Arroz da Casa de Cadaval, em Salvaterra de Magos.

Foto © Leonor A. P. de Medeiros.



II Série, n.º 22, tomo 3, Janeiro 2019

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinielli, Telmo
António, Ana C. Araújo, Thierry
Aubry, Renata F. Barbosa, Luísa
Batalha, Carlos Boavida, Guilherme
Cardoso, André Carneiro, António R.

Carvalho, Vânia Carvalho, Tânia M.
Casimiro, Ana M. Costa, Fernando
Costa, Francisco Curate, Luca A.
Dimuccio, Ana Luísa Duarte, Vitor
Durão, José d'Encarnação, Lídia
Fernandes, Carlos Galhano, Cristina
Gameiro, Jesús García Sánchez,
Carolina Grilo, Rogier A. A. Kalkers,
Sebastião L. de Lima Filho, Virgílio
Lopes, Joana S. Macedo, João Marques,
Jorge A. M. Marques, Teresa Marques,
Henrique Matias, Leonor A. P. de
Medeiros, Henrique Mendes, Paulo C.
F. Monteiro, Nuno Neto, Rui Oliveira,

Luiz Oosterbeek, Franklin Pereira,
Paula A. Pereira, João Pimenta,
Albérico N. de Queiroz, Jorge Raposo,
Paulo Rebelo, Marco A. Rocha,
André T. Santos, Dario Seglie, João L.
Sequeira, Miguel Serra, João Luís
Sequeira, Vítor R. C. de Sousa,
Tesse D. Stek e Chia-Chin Wu.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A *Al-Madan Online* abre este novo tomo com uma reflexão acerca da investigação e da comunicação científica, da margem de incerteza que as caracteriza e da tolerância com que devem ser encaradas pois, frequentemente, mesmo quando se identificam as questões correctas, o tempo mostra que nem sempre se obtêm e partilham as respostas mais adequadas.

Tendo presente essa contingência, é de divulgação científica que tratam as páginas seguintes, com realce para sítios e contextos de Época Romana em Sines, em Cascais e no Alto Alentejo, nomeadamente no Município de Fronteira. Mas dá-se igual atenção ao impacto da Arqueologia preventiva na identificação de ocupações humanas do Paleolítico Superior em todo o país, e ainda, noutro âmbito cronológico, aos trabalhos arqueológicos realizados numa fábrica de descasque de arroz instalada em Salvaterra de Magos na segunda metade do século XX. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, agora com as ameaças à arte rupestre do Nordeste do Estado da Bahia, e há também espaço renovado para as arqueociências, neste caso através de uma proposta metodológica para a identificação de tubérculos secos, cozidos ou calcinados.

A premente definição disciplinar de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal é defendida em artigo de opinião, a que se segue estudo que apresenta a Análise Urbana como domínio da Arquitectura que integra conhecimentos da História e da Arqueologia, entre outros.

Ao Património móvel e imóvel são dedicados textos sobre a conservação e restauro da fachada do edifício sede da colectividade mais antiga de Tomar, que assinalam a identificação e incorporação em museu de um azulejo valenciano dos séculos XV-XVI aplicado em imóvel de Sintra, e que tomam exemplares de aljavas provenientes do Sultanato de Granada (1238-1492) como ponto de partida para a abordagem mais geral das artes do couro na Península Ibérica durante a Idade Média.

Há ainda diferentes contributos para a História Local de Alcácer do Sal e de Almada, fruto da análise de conjuntos documentais dos séculos XVI a XVIII, bem como diversificado noticiário de natureza arqueológica, incluindo resultados de escavações, de projectos museológicos, de acções de Educação Patrimonial, etc.

Livros e revistas recentemente publicados também merecem comentário ou destaque e, nas páginas finais, encontram-se breves relatos de um número significativo de eventos científicos realizados em Portugal e no estrangeiro, com temáticas muito diversificadas, cuja partilha é útil para a comunidade científica portuguesa e para outros interessados. A fechar, agendam-se eventos do mesmo tipo já divulgados para os próximos meses. Enfim... muitas e boas razões para agradáveis momentos de leitura.

Jorge Raposo

Os Erros em Epigrafia nota sobre as jornadas de Milão

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Por iniciativa do Professor Antonio Sartori, catedrático jubilado da Universidade de Milão, e do Padre Federico Gallo, da Direcção da Biblioteca Ambrosiana, realizaram-se em Milão, a 20 e 21 de setembro de 2018, as III Jornadas Epigráficas, subordinadas ao tema “L'Errore in Epigrafia”.

Foram 13 participantes convidados – nove de Itália (naturalmente) a que se juntaram quatro (um de Espanha, dois de França e um de Portugal) [Fig. 1] –, e o desafio que lhes havia sido proposto fora o de analisarem, com exemplos, como o erro patente nos monumentos epigráficos acabava por constituir, também ele em si, um elemento digno de consideração.

Na verdade, para além da mera distração, causa que se apresenta como a mais corrente do erro ortográfico, outras razões poderá haver: o desconhecimento do significado das palavras e da sua correspondente grafia; a incompreensão da minuta, que poderá ter sido apresentada em minúsculas e manuscrita; a deficiente transmissão oral de sons não muito correntes; o analfabetismo do lapicida, que se limitou a copiar, sem entender, o que lhe fora apresentado.

Não é raro já, no domínio da publicidade actual, o recurso ao erro ortográfico com a finalidade explícita de chamar a atenção, mas todos entendemos que, na placa da ementa de um restaurante, a “caldeira de bacalhau” nada mais é do que “caldeirada” por distração do escrevente, e que “gambas à la guilho” resulta de mui grosseira transposição para um pseudo-português do prato espanhol gambas “*al ajillo*”, “com alinho”. Ora, foram justamente estas as questões que os especialistas presentes nas III Jornadas quiseram apresentar. Dotada de grande tradição cultural e, sobretudo, humanística, a Biblioteca Ambrosiana (assim chamada



FIG. 1

por ter o bispo Santo Ambrósio, de Milão, como referência) nasceu nos primórdios do século XVII e, para além de importante documentação em papel (livros e manuscritos raros), alberga a Pinacoteca, que vem incorporando pinturas, desenhos, esculturas... Notável, a colecção de esboços originais de Leonardo da Vinci, que têm sido minuciosamente estudados, sobretudo com a finalidade da sua interpretação em maquetas, para melhor se compreender o seu funcionamento, engenhosamente imaginado por Leonardo. No átrio interior, expõe-se nas paredes e no pórtico uma nutrida colecção de epígrafes, muitas delas trazidas de Roma ao longo dos séculos, por compra ou por oferta.

Ambiente propício, por conseguinte, a albergar, numa manhã e numa tarde, esta reunião onde não se apresentaram apenas os erros patentes nos próprios monumentos epigráficos, mas também nos manuscritos que, de cópia em cópia, foram, amiúde, acrescentando, modificando ou omitindo pormenores da versão original.

Perguntou Angela Donati, da Universidade de Bolonha, nesta que viria a ser a sua última intervenção pública (faleceu, inesperadamente, a 13 de Outubro), se, com frequência, não haveria lugar a dúvidas: se o erro registado era erro de verdade ou erro propositado. Por exemplo, se lemos que a inscrição foi pela viúva dedicada a *marito pessimo*... será que ele foi *pessimo* ou *piissimo*?

Marina Vavassori, de Bérgamo, mostrou, por seu turno, as vicissitudes por que foi passando um monumento epigráfico, quer em cópias quer em manuscritos, de modo que, a partir de determinado momento, as personagens comuns nele men-

cionadas passaram a ser tidas como mártires e veneradas como tais.

Os monumentos com baixos-relevos constituíram, por seu turno, campo propício à imaginação dos ilustradores, de modo que não é difícil encontrar, de um manuscrito para outro, diferenças substanciais, pois nem sempre se privilegiou o rigor descritivo e, por vezes, o gosto estético do gravador assumiu papel primacial. Note-se o que Serena Zoia referiu a propósito da inscrição milanesa CIL V 6128: devido às suas “estranhas peripécias”, poder-se-á mesmo classificar de... “multiforme”! Da minha parte, tive oportunidade de mostrar testemunhos – mormente patentes nos epitáfios romanos da Quinta de Marim (Olhão) – de “erros de interpretação da minuta”. Tal como nos acontecia até há pouco, em que à secretária se entregava a minuta de uma carta e a parte final, por ser sempre a mesma, poderia ir gatafunhada, porque já se sabia o que era, também nos epitáfios da Quinta de Marim as fórmulas finais, em siglas, deverão ter sido escritas tão cursivamente que o canteiro, mui provavelmente analfabeto, as interpretou à sua maneira. Veja-se a Fig. 2: a fórmula que veicula o voto “*que a terra te seja leve*” – S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) – foi transformada ali em ininteligível sequência de maiúsculas!

Concluiu-se, desta sorte, que o erro, longe de ser, em Epigrafia, um elemento negativo, tem por detrás toda uma panóplia de virtualidades informativas e culturais do maior alcance. A esmiuçar caso a caso. ❧

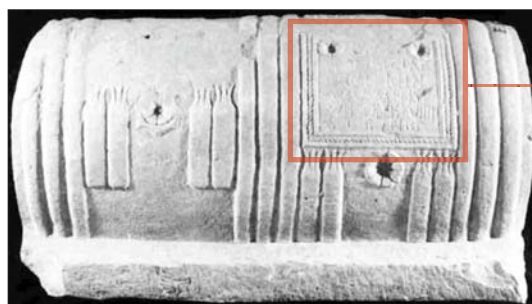


FIG. 2 – Quinta de Marim, IRCP 50.

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]